

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

JON FOSSE

vaim



cavalo de ferro

Então, disse eu, cá estamos, disse eu, a cofiar a barba, esta minha barba grisalha, eu já não era propriamente jovem, mas também não era velho, podia dizer-se que estava a envelhecer, sim, um homem a envelhecer, nem mais nem menos, e já estava na altura de acabar com esses curtos passeios de diversão a Bjørgvin, qual era o sentido de me deslocar até lá, amarrar no molhe do Cais em Bjørgvin e não aproveitar o meu tempo para outra coisa que não fosse estar sentado em restaurantes ou cafês, sim, de preferência no Fuglen, era assim que chamavam ao local, e outras vezes também no Mathallen ou no Siste Båten ou no Kaffistova da Residencial – nunca acontecia outra coisa além de frequentar esses lugares ou ficar encafuado na cabina do barco, bem, no primeiro dia, ou nos primeiros dias, havia sempre que comprar uma coisa ou outra, sim, sempre, isto ou aquilo, qualquer coisa que eu achasse que podia ser necessária, e que anotara numa folha de papel que tinha em cima da mesa da sala de estar em minha casa, qualquer coisa que não me fosse possível comprar no Grande Armazém de Vaim mas que eventualmente fizesse falta, podia variar muito, sim, ao longo dos anos eu fora comprando aos poucos tudo o que realmente precisava e um pouco mais, mas este ano o que era preciso comprar era uma agulha de coser e linha preta para pregar um ou outro botão que se havia soltado, mas, na verdade, comprar uma simples agulha e um simples carrinho de linha de coser preta em Bjørgvin era muito mais difícil do que se poderia imaginar, em Bjørgvin, a segunda maior cidade da

Noruega, quase não dava para acreditar que fosse assim tão difícil, quase se poderia pensar que os comerciantes e os empregados de loja não tinham interesse em vender coisas tão insignificantes como uma agulha e um carrinho de linhas de coser, porque calcorreei todas as lojas de confecções uma atrás de outra e nenhuma tinha esse tipo de coisas à venda, não, diziam eles, não temos esse tipo de artigos, e há que dizer que nem as respostas nem as expressões dos rostos por trás das respostas estavam isentas de sarcasmo, e quando perguntava onde poderia comprar esse tipo de coisas a resposta era sempre a mesma, não sabiam, não, ou eventualmente acrescentavam que ali, na loja deles, não vendiam agulhas nem linhas de coser, somente vestuário pronto-a-vestir, caso eu quisesse, ou pudesse, comprar alguma roupa nova, e tenho de admitir que um deles, ou talvez mais do que um, insinuou que eu precisava de roupa nova, mas eu não precisava de roupa nova, eu até me governava muito bem com a roupa que já tinha, porque eu não tinha aspecto de indigente ou assim, não, ainda que algumas pessoas provavelmente achassem que sim, mas essas lojas de confecções estavam atafalhadas de vestuário e essa era talvez a razão dessas insinuações, e também a razão pela qual não queriam vender-me uma agulha e linha de coser, mas por fim deparei com alguém que me saudou com uma vénia, vestia fato e, raios me partam, se não usava uma gravata cor-de-rosa, e me disse que se eu queria comprar uma agulha e um carrinho de linha de coser preta teria de ir a um alfaiate, e quando ousei perguntar-lhe onde podia encontrar um alfaiate, esse assistente de loja, ou quem sabe fosse até o proprietário da loja, tanto quanto pude perceber, soltou uma longa e sonora gargalhada com a boca escancarada e depois disse não, como havia ele de saber, e a seguir acrescentou que dantes havia sempre um alfaiate em Skostredet, mas isso fora há muito tempo, pois antigamente é que havia alfaiates em Bjørgvin e provavelmente também lá na costa de Strileland, disse ele, e depois

apareceu uma mulher, vinda de uma porta atrás do balcão em que estava apoiado o homem de fato com gravata cor-de-rosa, e perguntou um pouco impaciente se podia ajudar nalguma coisa e o homem de fato e de gravata cor-de-rosa disse claro que sim, claro que sim, e eu balbuciei então que precisava de comprar uma agulha e um carrinho de linha de coser preta e ela perguntou-me se eu precisava de pregar botões que se tinham soltado e eu respondi que sim, que era isso mesmo, e ela disse que isso me podia ela arranjar, sim, e desapareceu pela mesma porta donde tinha acabado de sair, e o homem da gravata cor-de-rosa disse ora bem, pois já está a ver as coisas que desconheço, as coisas que não sei, e eu perguntei-lhe se ele tinha começado a trabalhar naquela loja recentemente e ele respondeu-me que tinha trabalhado ali toda a sua vida, desde rapazinho, pois a mulher que fora agora mesmo buscar uma agulha e linha de coser era a sua mãe, depois de o seu abençoado pai ter falecido ainda demasiado jovem foi a Mãe, como ele lhe chamava, sim, foi ela que ficou à frente da loja, e ele nunca fizera mais nada na vida do que trabalhar como assistente de balcão para a sua própria mãe, e ela era uma pessoa que vendia de tudo e mais alguma coisa, isso podia ele garantir, sim, até venderia a própria avó se fosse caso disso, sim, era o que se costumava dizer acerca do empreendedorismo dos comerciantes de Björgvin, disse ele, entretanto, já a mãe devia ter subido ao andar por cima da loja, onde ficava o apartamento deles, para procurar uma agulha e linha de coser na sua caixa de costura, e não era a primeira vez que ela fazia isso, sim, ir buscar alguma coisa ao apartamento para vender, foi assim que o guarda-roupa do seu pai desapareceu, não todo de uma vez, claro, levou o seu tempo, mas tudo acabou por ser vendido, por isso eu iria comprar com certeza a minha agulha e a linha de coser, disse o homem que, portanto, era o filho, e depois ficámos ali em silêncio, e então a porta por detrás do balcão abriu-se e ela entrou, segurava na mão um carrinho de linha de coser

preta e trazia uma agulha espetada na linha, afinal sempre consegui encontrar e aqui tem a sua agulha e linha, disse ela, a viúva, mãe e dona de uma loja de confecções em Bjørgvin, sim, aqui tenho para vender de tudo o que se possa precisar, disse ela, quicá com um ligeiro orgulho na voz, e o filho de fato e de gravata cor-de-rosa encolheu os ombros, ele já não era propriamente jovem, parecia talvez mais uma velha solteirona no masculino, a julgar pelo seu aspecto, mas como posso pensar assim, verdade seja dita eu próprio não tenho menos aspecto de solteirona do que ele, provavelmente até pareço mais, dado que tenho ar de ser muito mais velho do que ele, o filho da gravata cor-de-rosa, se bem que nunca tenha tido nada de efeminado, nada mesmo, mas aquele ali, o filho, o de fato e de gravata cor-de-rosa, ele sim, tinha tanto de efeminado como de masculino, e foi provavelmente por isso que me ocorreu esta expressão, sim, de solteirona, mas a mãe dele tanto pela sua atitude como pelo seu aspecto parecia muito masculina e segurava na mão um carrinho de linha de coser com uma agulha espetada e disse-me

Fica tudo em duzentas e cinquenta coroas, disse ela

e eu nem podia acreditar, duzentas e cinquenta coroas por um carrinho de linha de coser preta e uma agulha, era sobejamente conhecido que esta gente de Bjørgvin sabia bem como fazer-se pagar, mas isto ultrapassava todos os limites mesmo em Bjørgvin, isto era escandaloso e exorbitante, sim, era esse o termo, exorbitante, não se lhe podia chamar outra coisa, por esse dinheiro eu podia ter comprado uma peça de roupa nova, inclusive diversas peças de roupa, e poupar-me ainda ao incómodo de ter de voltar a pregar o botão, porque era sempre uma maçada, só o ter de enfiar a linha na agulha podia demorar uma eternidade, a visão já não era muito boa, e para ver o orifício da agulha nem os óculos ajudavam grande coisa

Bem, disse a mulher atrás do balcão com um ar arrogante
Sim, como vai ser, disse ela

e eu tinha simplesmente de comprar a agulha e a linha de coser àquela mulher horrorosa, dona de uma loja de confecções na cidade de Bjørgvin, mãe de um filho com uma gravata cor-de-rosa, provavelmente não havia mais nada que eu pudesse fazer, pensei eu, e retirei a carteira do bolso do casaco, mas realmente não, não podia, eu não podia pagar tanto dinheiro por uma pequena agulha e um resto de linha de coser num carrinho de linhas do qual a maior parte da linha nitidamente já tinha sido gasta, sim, tanto quanto pude constatar já só havia um resto de linha, que talvez nem fosse suficiente para pregar um único botão, não realmente, mas quando uma pessoa disse A, tem de dizer B, como se costuma dizer, e se eu agora recuasse na compra seria para mim uma humilhação, passaria por um pobretanas aos olhos daquela madame atrás do balcão, e era justamente isso que eu não queria, não queria dar-lhe essa satisfação, preferia proporcionar-lhe o prazer algo dúbio de ter enganado um homem, de ter ludibriado um provinciano tolo de Strileland, pensei eu, enquanto ali estava com a carteira na mão, tirei duas notas de cem coroas e uma de cinquenta e coloquei-as sobre o balcão, pousei o dinheiro sem dizer uma palavra e mal pousei as notas já elas estavam nas mãos da mulher, e eu ali fiquei como um palerma a olhar para o carrinho de linhas com uma agulha espetada no que restava de linha preta e ela, a dona dessa loja de confecções em Bjørgvin, não disse nada e eu tão-pouco disse nada, eu estava contente por não ter de dar uma resposta e o filho dela, o do fato preto e da gravata cor-de-rosa, onde se tinha ele metido? olhei em volta por toda a loja, que era uma loja espaçosa e pomposa, tenho de admiti-lo, e além, bem ao fundo da loja, diante de um espelho, estava o filho, a embelezar-se, passava a palma da mão pelo cabelo, endireitava a gravata, esticava-se até ao máximo da sua altura e tentava fazer-se parecer tão magro quanto possível, eu meti a agulha e a linha de coser dentro do bolso e pensei agora, bem, agora tenho de sair desta loja

abominável, quanto mais depressa melhor, e dirigi-me para a porta sem dizer uma palavra, por trás de mim ouvi mãe e filho dizerem quase em uníssono até uma próxima vez, agradecidos pela preferência, não há mais nada que o cavalheiro deseje ou necessite, até uma próxima vez e agradecidos pela preferência, ouvi dizer por trás de mim, e essas palavras ainda ecoavam nos meus ouvidos mesmo depois de eu ter voltado às ruas de Bjørgvin e nunca mais, nunca mais poria os pés naquela loja de confecções, nunca, jamais, pensei eu, porque talvez nunca tivesse sido tão indecentemente enganado em toda a minha vida, pensei eu, e agora havia que regressar a casa em Vaim, pensei eu, e afinal porque costumava eu fazer todas essas viagens de barco a Bjørgvin, na verdade não faziam qualquer sentido, essas excursões, sempre que tinha uns quantos dias de descanso no trabalho, então lá ia eu até Bjørgvin, mas ultimamente também já não ia com tanta frequência, pensei eu, de qualquer modo não nos últimos anos, sim, agora, já há muitos anos que só fazia uma viagem por ano em algum dia de Verão, enquanto dantes, nos tempos de juventude, estava sempre caído em Bjørgvin, um ou dois dias de descanso e lá ia eu, e nesses tempos era cliente assíduo dos restaurantes e dos cafés, e a razão disso talvez fosse que eu esperava, embora não o quisesse admitir, bem, esperava encontrar alguém, sim, alguém com quem partilhar a minha vida, como se costuma dizer, mas não, não desta vez, como se costuma dizer, bem, e agora que já envelheci tanto essa esperança já se perdeu, estou sozinho e continuarei sozinho, pois assim é quanto a isso e é assim que continuará a ser, sim, portanto agora eu fazia essas excursões a Bjørgvin somente para comprar alguma coisa que não fosse possível comprar no Grande Armazém de Vaim, mas na verdade havia e há muito pouca coisa ou quase nada que eu não possa comprar no Grande Armazém de Vaim, pois lá vendem de tudo um pouco, coisas de todo o tipo, sim, apenas ninharias como esta simples agulha e linha de coser é que me

levaram a pensar que seria melhor deslocar-me a Bjørgvin para conseguir arranjá-las, se bem que, em rigor, um botão a mais ou a menos não tenha importância, dado que na verdade eu simplesmente me vou entretendo por ali e tomo conta de mim e da minha casa, do meu lar, do lar da minha infância, como se costuma dizer, onde nasci e onde espero vir a morrer, do mesmo modo que os meus pais ali morreram, vivi ali enquanto eles eram vivos e também depois de eles terem morrido, e posteriormente tenho vivido ali sozinho, dado que sou filho único, sim, tenho vivido na casa da minha infância toda a minha vida, e agora, dado que vivo ali sozinho, não há mais ninguém que veja ou repare se me falta um botão, sim, e se se tratar de um botão das calças, sempre posso manter as calças no seu lugar com um cinto, e cintos tenho eu bastantes, ou até com algum pedaço de corda se chegasse a esse ponto, a que ainda não cheguei, mas por outro lado há que dizer que é bom ter agulha e linha sempre à mão, sim, e tenho a certeza de que até terei algumas, o que se passa é que me esqueço de onde as ponho, ou, então, talvez se encontrem na gaveta da escrivaninha onde guardo os meus outros utensílios de costura que herdei da minha mãe, a maior parte das coisas que ela deixou tive de as deitar fora, apesar de ter demorado o seu tempo, mas aquilo que podia ter utilidade, como agulhas e linhas de coser, tratei de as guardar, não sou assim tão tolo, mas, sim, afinal por que carga de água é que me desloquei a Bjørgvin para ir comprar uma agulha e linha de coser quando, muito provavelmente, eu tinha em casa aquilo de que precisava, pois bem, creio que simplesmente achei que devia ir, portanto, realmente eu só procurava um pretexto para fazer uma pequena viagem de barco a Bjørgvin, agora que estava de férias de Verão e não precisava de ir trabalhar, ainda que talvez estivesse, sim, um pouco farto dessas viagens de barco, seria realmente mais simpático que não tivesse de ir sempre sozinho no barco, apenas uma única vez tive um companheiro de viagem, acho

que é assim que se diz, e foi quando o Elias veio comigo, mas isso já foi há muitos anos, e também demorou anos até que o Elias anuisse em vir comigo a Bjørgvin, eu perguntei-lhe diversas vezes se queria vir, mas ele ia adiando, dizia que não estava habituado ao mar, que sempre se tinha sentido inseguro no mar, mas por fim, num belo dia de Verão em que ele me visitou e eu mencionei que ia fazer uma viagem de barco a Bjørgvin, então ele disse que sim, de facto gostaria muito de me acompanhar, e no dia seguinte ali estava ele, no pátio exterior da minha casa com uma velha mochila cinzenta às costas, então descemos até ao barco e zarpámos, mas ele não era um verdadeiro tripulante, o bom do Elias, empalideceu após uma ligeira agitação marítima e mal conseguia falar, limitou-se a ficar ali sentado, pálido e algo abatido, inclusive quando atracámos no molhe do Cais em Bjørgvin ele pouco falou, e quando sugeri que talvez pudéssemos dar uma volta e entrar na Loja de Bebidas de Strile ele ficou totalmente aterrorizado e disse logo não, não, e é a única coisa que me lembro de tê-lo ouvido dizer durante toda a viagem, obviamente que o Elias não voltou a acompanhar-me em viagens de barco, mas frequentamos bastantes vezes a casa um do outro, sim, ele vem visitar-me uma vez por semana ou algo assim, ou vou eu visitá-lo, à casa minúscula dele, e apesar de sermos muito diferentes mantemos o nosso companheirismo, sim, posso dizer com certeza que ele é o único amigo, ou companheiro, que tenho em Vaim, sim, o Elias, sim, não me lembro quando é que ele veio para Vaim e se mudou para aquela casa, mas que foi há muitos anos, isso foi, e também não me lembro quando nos conhecemos e começámos a visitar-nos, mas também isso foi há muitos anos, e uma coisa é certa, depois dessa viagem falhada a Bjørgvin nunca mais voltei a perguntar-lhe se me queria acompanhar em viagens de barco, nunca mais voltámos a mencionar essa viagem a Bjørgvin, para dizer a verdade talvez nenhum de nós gostasse de pensar nisso, mas em todo o

caso é bom para mim ter o Elias com quem falar, porque em Vaim não há mais ninguém com quem eu me dê, e a parte dessa viagem que melhor recordo é talvez a expressão da cara do Elias quando lhe perguntei se íamos entrar na Loja de Bebidas de Strile, nessa época eu costumava entrar lá sempre que vinha a Bjørgvin para comprar uma garrafa ou duas de vodca, mas houve algo na expressão facial do Elias quando lhe perguntei se íamos lá, bem, algo que talvez ele quisesse esquecer mas de que nós nunca falámos, portanto dessa vez não houve nenhuma visita à Loja de Bebidas de Strile, e agora já passaram muitos anos desde que lá estive a última vez, esse nome talvez se deva ao facto de ficar na Rua Marginal, pois as gentes de Strileland que chegavam a Bjørgvin vinham sempre de barco e amarravam no molhe do Cais, mesmo hoje em dia, em que muitas pessoas já tinham carro próprio, havia bastantes que ainda o faziam, sim que vinham a Bjørgvin no seu próprio barco, e a maioria das gentes de Strileland comprava as bebidas que queria na Loja de Bebidas de Strile, e os que possuíam carro próprio também, pois assim era e é, penso eu, e mal me apercebi da rua por onde caminhava, pois tinha ficado tão decepcionado com aquela compra da agulha e da linha de coser, um carrinho de linha de coser preta reduzido a menos de metade e uma simples agulha, que me tinham custado duzentas e cinquenta coroas, mas o que estava feito estava, portanto agora só tinha de voltar para o meu barco, para o meu belo barquinho a motor, e depois havia que regressar a Vaim, porque não tinha muito mais a fazer em Bjørgvin, para dizer a verdade, nos tempos em que eu era jovem, um mero rapazinho, aguardava sempre com expectativa essas excursões marítimas a Bjørgvin, viajando no meu barco durante aquelas horas que demorava a chegar a Bjørgvin, e depois encontrar um lugar onde atracar ao longo do Cais, sim, isso também era empolgante, pois especialmente nos dias de Verão podia não haver um espaço livre ao longo do Cais, e quanto à possibilidade de

ter de amarrar a outro barco, em segunda fila, como costumavam fazer algumas pessoas quando o Cais se encontrava completamente lotado, não, eu nunca o tinha feito nem nunca iria fazê-lo, isso dar-me-ia uma sensação asfíxiante de demasiado aperto, não, nunca teria ficado descansado se tivesse amarrado o meu barco a outro barco, nem seria capaz de dormir pura e simplesmente, e raios me partam se me atreveria a cozinhar uma refeição a bordo, provavelmente eu mal teria ousado fazer as minhas necessidades na latrina, não, disso nem falar sequer quero, portanto se não havia um lugar livre onde atracar ao longo do Cais, eu dava logo a volta, saía da Baía e navegava rumo à ilha de Sartor, pois lá havia diversos bons cais com lojas em terra, e também belos molhes onde se podia atracar e passar uma bela noite com tranquilidade e sossego, bem, verdade verdadinha, achei que a melhor coisa a fazer agora seria justamente zarpar imediatamente de Bjørgvin e navegar em direcção a Sartor, sim, talvez entrar em Sund, pois lá havia um bom molhe onde havia sempre um lugar livre para atracar, e lá também havia uma loja, o Supermercado Colonial, onde vendiam todo o tipo de coisas, sim, talvez até mais do que no Grande Armazém de Vaim, e se ao menos eu tivesse pensado nisso, podia quase de certeza ter lá comprado a minha agulha e a linha de coser, e provavelmente por uma quantia insignificante, acredito que sim, e ao lado do Supermercado Colonial havia igualmente uma casinha onde tinham aberto um café e salão de chá, a Confeitaria, tal como chamavam a esse local, e lá vendiam café e bolos, e também se podia comprar uma refeição, mas só serviam um prato do dia ao jantar, e a seguir uma sobremesa, geralmente o prato do dia consistia de almôndegas de carne com molho castanho e ervilhas guisadas, a sobremesa costumava ser arroz doce com molho de frutos vermelhos, e aquela comida não era nada de se torcer o nariz, não senhor, quando eu ia lá, comia geralmente almôndegas de carne e arroz doce, portanto talvez sim, talvez partisse

e fosse hoje para Sartor, e para Sund, sim, realmente porque não, porque, na verdade, tinha de facto muito pouco ou nada mais para fazer em Bjørgvin, os anos em que eu tinha coisas para fazer aqui já tinham passado, sim, talvez a realidade fosse essa, de qualquer modo, agora que tinha permitido que aquela madame fala-barato me vendesse uma agulha e linha de coser pelo preço que ela bem entendeu, o palerma fui eu, por isso devia simplesmente sair já de Bjørgvin, e quanto mais depressa melhor, sim, na verdade devia pôr-me ir direito a caminho do meu barco, com esta abominável agulha e este maldito meio carrinho de linhas, e depois devia desamarrear o barco e zarpar de imediato em direcção a Sartor, e a Sund, na Confeitaria iria oferecer-me umas excelentes almôndegas de carne e um arroz doce, o que me daria um enorme prazer, diga-se desde já, sentia alegria só de pensar nisso, e se assim o decidi melhor o fiz, agora avante rumo a Sartor, a caminho de Sund, foi assim que aconteceu e acelerei consideravelmente o passo ao percorrer a rua, bem, não tinha ideia alguma do nome da rua por onde caminhava, mas também não tinha grande importância, com o meio carrinho de linhas e a agulha no bolso do casaco caminhei direito ao Cais, não ia deixar que nenhuma outra pessoa de Bjørgvin me extorquisse mais dinheiro, pelo menos não nesta visita, não, pensei eu e subi a bordo do barco e disse então, agora vamos zarpar, e parei e dei comigo a pensar, afinal o que quero eu dizer com isso, ao dizer nós, porque aqui estou somente eu, pensei, não, pois claro, eu mais o barco é que somos nós, sou eu e o *Eline*, e o que me teria levado a pôr ao barco o nome de *Eline*, sim, claro, sei porquê, recordo bem porque o fiz, mas na verdade não gosto de pensar nisso, porque a Eline foi o amor secreto da minha juventude, e como foi já há tanto tempo que adquiri este barco, talvez nessa época a Eline ainda fosse o meu amor secreto, pois eu nunca contei a ninguém sobre essa minha paixoneta, não, nem consigo gostar desta palavra, mas é provavelmente o termo mais exacto

e apropriado que devo usar, dado que talvez não exista outro termo melhor para chamar, para denominar, sim, para descrever os sentimentos que eu tinha pela Eline nessa época, ou talvez exista outro termo para isso, que eu nunca aprendi, mas esta é uma palavra tão infantil, bem, seja como for foi esse o nome que dei ao meu barco, ao meu barco a motor, *Eline*, e já assim era enquanto a Eline ainda vivia em casa dos pais em Vaim, então o que deverá ela ter pensado, a Eline, quando viu o barco amarrado no Cais por baixo do Grande Armazém de Vaim com o nome dela em letras garrafais de ambos os lados da cabina, bem, a Eline deve ter percebido que o barco havia sido baptizado com o nome dela e isso deve ter-lhe causado algum desconforto, claro, ela deve ter ficado logo embaraçada e pensado que foi descaramento da minha parte atribuir o seu nome ao meu barco, ainda que praticamente nós nunca tivéssemos falado, então o que significaria isso, terá ela pensado, bem, isso devia significar que eu me tinha apaixonado por ela, oh! não, que desconcertante, e de todos os jovens de Vaim porque teria eu feito isso, é o que ela terá pensado, bem, ou algo desse género, ainda me lembro que estava atracado no Cais por baixo do Grande Armazém de Vaim e me encontrava dentro da cabina, e quando espreitei por trás das cortinas, vi a Eline parada com mais alguns jovens que apontavam sem dizer palavra, primeiro para o letreiro com o nome e a seguir para a Eline e depois riram e galhofaram e ridicularizaram-me a mim e ao meu barco, nada mais, e a Eline, claro, também ela ficou ali parada a rir, então é óbvio que me escondi envergonhado e demorei bastante tempo até me atrever a sair de dentro da cabina e a voltar a terra, isso é certo e garantido, porém não muito tempo depois a Eline mudou-se para longe de Vaim, eu não soube porquê, mas terá sido para arranjar trabalho em qualquer lugar, e a partir de então deixei de vê-la, e mesmo tantos anos depois ainda parecia tão próximo, sim, quase parecia que eu tinha voltado aos anos de juventude,

A bordo do pequeno barco *Eline*, Jatgeir dirige-se para a cidade mais próxima em busca de agulha e linha, para coser um ou outro botão. Por duas vezes enganado pelos comerciantes, é profundamente consternado que retorna ao seu barco, onde adormece ouvindo as ondas embater contra o casco. Mas uma voz familiar fá-lo acordar de súbito, uma mulher grita pelo nome dele no cais. É Eline, o seu amor secreto de juventude, que acaba de deixar o marido e decide regressar com Jatgeir à aldeia piscatória de Vaim — um encontro que se ramificará em três histórias e três tragédias.

Primeiro romance de Jon Fosse após a atribuição do Prémio Nobel de Literatura em 2023, e primeiro volume de uma trilogia sobre a povoação fictícia de Vaim, esta é a história de um triângulo amoroso marcado por acontecimentos estranhos, da ordem do transcendente e do sonho, e uma figura invulgarmente determinada.

«Fiel a si mesmo, mas de alguma forma renovado,
o Nobel Jon Fosse volta a surpreender.»

NRK

«Três habitantes de uma povoação costeira norueguesa
meditam sobre a vida, o amor e o que poderia ter sido...
Um belo retrato da incerteza.»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-920-9



9 789895 839209